



O dilema das mídias digitais na educação dos bebês

The digital media dilemma in baby education

El dilema de los medios digitales en la educación infantil

Jaqueline Delgado Paschoal¹

Sandra Regina Mantovani Leite²



Resumo: O propósito deste estudo é investigar os impactos do uso precoce das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na qualidade das interações entre adultos e crianças no contexto familiar. Acredita-se que muitos pais utilizam dispositivos eletrônicos como estratégia de distração, o que pode comprometer o desenvolvimento infantil, especialmente a saúde física e mental das crianças. estimular uma postura mais crítica e menos passiva diante dessas ferramentas pode transformar a maneira como elas se relacionam com o universo tecnológico. De caráter bibliográfico e fundamentado na Teoria Histórico-Cultural, o estudo contribui para a ampliação do debate sobre a importância da vigilância parental e da mediação do adulto para o desenvolvimento saudável na infância, para além das telas.

Palavras-chave: infância; mídias digitais; interação adulto-criança.

Abstract: The purpose of this study is to investigate the impacts of early use of Information and Communication Technologies (ICTs) on the quality of interactions between adults and children in the family context. It is believed that many parents use electronic devices as a distraction strategy, which can compromise child development, especially their physical and mental health. Encouraging a more critical and less passive stance towards these tools can transform how children relate to the technological world. Based on bibliographic research and grounded in Historical-Cultural Theory, this study contributes to broadening the debate on the importance of parental supervision and adult mediation for healthy childhood development, beyond the screen.

Keywords: childhood; digital media; adult-child interaction.

Resumen: El propósito de este estudio es investigar el impacto del uso temprano de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) en la calidad de las interacciones entre adultos y niños en el contexto familiar. Se cree que muchos padres utilizan dispositivos electrónicos como estrategia de distracción, lo que puede comprometer el desarrollo infantil, especialmente su salud física y mental. Fomentar una actitud más crítica y menos pasiva hacia estas herramientas puede transformar la forma en que los niños se relacionan con el mundo tecnológico. Basado en investigación bibliográfica y con fundamento en la Teoría Histórico-Cultural, este estudio contribuye a ampliar el debate sobre la importancia de la supervisión parental y la mediación adulta para el desarrollo saludable de la infancia, más allá de la pantalla.

Palabras clave: infancia; medios digitales; interacción adulto-niño.

¹ Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Campus de Assis, SP, Brasil. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. E-mail: jaqueline@uel.br

² Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Campus de Assis, SP, Brasil. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. E-mail: sleite@uel.br



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

1 Introdução

O acesso cada vez mais precoce das crianças às Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC) tem provocado mudanças significativas na vivência da infância na sociedade contemporânea, o que revela também um novo posicionamento da criança em um contexto no qual os sistemas de significação e representação cultural se diversificam rapidamente (Couto, 2013).

Diferentemente das gerações anteriores, as crianças de hoje utilizam com frequência os diversos recursos tecnológicos, como dispositivos móveis, brinquedos e livros eletrônicos, tablets, joguinhos, internet, em praticamente todos os ambientes. Elas se comunicam, constroem amizades por meio de interações online, trocam mensagens com frequência, aprendem, brincam e compartilham suas experiências por meio de narrativas digitais (Inácio, 2019; Fantin, 2020).

Com as crianças menores não é diferente, pois, desde bebês, elas convivem com os móveis eletrônicos, brinquedos interativos e babás eletrônicas, entre outros artefatos tecnológicos, e são expostas às mais variadas mídias digitais (Miller e Fantin, 2022), o que, de certa forma, as torna partícipes das transformações na era das conexões. Entretanto, o uso precoce e intenso dos dispositivos eletrônicos interfere no comportamento infantil, uma vez que pode privá-los do direito de vivenciar plenamente a infância (Brasil, 2024). Isso porque a imaginação e desenvolvimento de diferentes linguagens, como a fantasia, as brincadeiras simbólicas, a curiosidade, a autonomia e as relações afetivas, podem ficar comprometidas.

Muitos pais, mesmo sendo também habituados ao uso da tecnologia, nem sempre percebem as implicações dessas ferramentas para a saúde física e mental dos filhos, tratando-as como algo natural no cotidiano da família (Brasil, 2019; Brasil, 2024). Desta maneira, as tecnologias influenciam diretamente as formas de interação das crianças, considerando que o acesso a elas tem início na família e se estende em outras instâncias sociais, como shopping, igreja, festas, eventos ou qualquer outro lugar público.

Este estudo tem, portanto, como objetivo principal, investigar os impactos do uso precoce das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na qualidade das interações entre adultos e crianças no contexto familiar. Acredita-se que as crianças têm direito à utilização e ao desfrute dos recursos tecnológicos para sua aprendizagem; no entanto, cabe às famílias e às instituições adequarem-se no sentido de propiciar uma diminuição dos possíveis riscos que podem ser gerados pelo mau uso dessas ferramentas (Brasil, 2019).

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como de natureza bibliográfica, fundamentada na Teoria Histórico-Cultural a partir da análise de produções científicas que abordam o uso precoce das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na infância e seus impactos nas interações entre adultos e crianças. A seleção da literatura foi realizada a partir de buscas em bases de dados acadêmicas reconhecidas e periódicos da área da Educação e das Ciências Humanas, priorizando artigos científicos, livros, documentos oficiais e publicações institucionais nacionais. Como descritores de busca, foi utilizado termos como “infância”, “mídias

digitais”, “TIC”, “interações adulto-criança”, “uso precoce de telas” e “desenvolvimento infantil”, combinados entre si.

Os critérios de inclusão contemplaram estudos publicados, preferencialmente, nas últimas duas décadas, que apresentaram relevância teórica e empírica para a temática investigada, bem como trabalhos clássicos considerados fundamentais para a compreensão do objeto da pesquisa. A análise do material selecionado ocorreu de forma qualitativa, buscando identificar convergências, divergências e contribuições dos autores acerca dos impactos das TIC nas experiências infantis, de modo a sustentar a reflexão proposta e atender aos objetivos do estudo.

Para uma melhor organização da exposição, o presente estudo divide-se em duas seções. Na primeira, são desenvolvidos alguns apontamentos sobre a importância das interações entre adultos e crianças para o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Destaca-se também que o vínculo afetivo é mais relevante do que o uso de telas e deve ser cultivado em ambientes acolhedores e afetivos, tanto na família quanto na escola. Reitera-se o entendimento de que, a partir dos primeiros dias de vida, as habilidades e aptidões humanas se desenvolvem com base nas experiências acumuladas pelas gerações anteriores, por meio da educação.

Na segunda seção, são analisados os impactos das tecnologias no comportamento infantil, em especial no desenvolvimento dos bebês. O acesso às mídias digitais compromete a qualidade das relações com os adultos, que, por vezes, se utilizam dessas ferramentas para distração. Assim, as experiências infantis ficam prejudicadas, sobretudo na infância, quando o cérebro das crianças ainda não distingue a realidade da ficção. Defende-se, portanto, neste estudo, a apropriação da linguagem digital por pais e professores, de modo a contribuírem para uma educação digital mais saudável e acolhedora na infância.

2 Entre afetos e descobertas: o papel das relações sociais na educação da criança

O processo de educação e formação da criança só se concretiza por meio da interação com pessoas mais experientes, pois é no convívio com o outro que ela tem acesso à cultura, elemento fundamental que se constrói e se transmite nas relações sociais. Desde a mais tenra idade, o desenvolvimento, as habilidades e as aptidões humanas são construídas com base nas experiências acumuladas pelas gerações anteriores e transmitidas às novas gerações ao longo da história (Leontiev, 1988; Vygotsky, 1998).

Independentemente da cultura, as crianças tornam-se verdadeiramente humanas por meio da experiência social, uma vez que todas as vivências nos primeiros anos de vida são fundamentais para o seu aprendizado e desenvolvimento. (Leontiev, 1988; Vygotsky, 1998; Mukina, 1996; Mello, 2007). Por esse motivo, os primeiros mil dias de vida são necessários para o desenvolvimento cerebral e mental da criança, considerando que as diferentes estruturas e regiões cerebrais amadurecem nos diferentes aspectos sensoriais (Brasil, 2019; Brasil, 2024).

É nesse período que ocorrem as mudanças necessárias para o aprimoramento dos sentidos, em função da diversidade das estruturas e regiões cerebrais que se desenvolvem por meio dos estímulos táticos, visuais, olfativos, além das “percepções do mundo externo que modelam a arquitetura e a função dos ciclos neurobiológicos para produção dos neurotransmissores e conexões sinápticas” (Brasil, 2024, p. 04).

Mesmo antes de dominar a linguagem oral, a criança já interage ativamente com o ambiente ao seu redor, demonstrando que a aprendizagem não ocorre de forma isolada ou fragmentada (Leontiev, 1988; Vygotsky, 1998; Rego, 2011). Ao participar de um grupo social, ela internaliza saberes e experiências conforme seu desenvolvimento psicológico, considerando que “a história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico” (Vygotsky, 1998, p. 81). Dessa forma, a interação com outras crianças e com pessoas mais experientes favorece novas aprendizagens e contribui para o aprimoramento das estruturas mentais presentes desde o nascimento.

Vygotsky (1998) comprehende os fenômenos e processos psicológicos a partir de sua história e interdependência. Por isso, esse autor propõe a indissociabilidade das funções psíquicas no desenvolvimento da personalidade humana ao destacar que há diferenças significativas nos processos afetivos entre crianças e adultos. Além disso, o autor enfatiza que tais processos sofrem mudanças qualitativas à medida que “o sujeito avança no desenvolvimento das demais funções psíquicas, como a percepção, a atenção, a memória, o pensamento, a linguagem e a vontade” (Vygotsky, 1998, p. 85).

As relações afetivas entre adultos ou pessoas mais experientes e as crianças são fundamentais, pois os vínculos emocionais estão profundamente entrelaçados com o desenvolvimento de outras funções psicológicas e com a formação da consciência de maneira integral (Mello, 2007; Rego, 2011; Arce, 2018).

A riqueza dessas interações é necessária para a construção dos vínculos afetivos e necessários entre a criança e quem cuida dela, “pois pressupõe uma ligação de amorosidade, acolhimento e empatia, que se traduz em formação e cuidado de qualidade” (Borges e Souza, 2002, p. 87).

A comunicação com o adulto não acontece, inicialmente, por meio da linguagem verbal, mas por meio das emoções, uma vez que, ao nascer, a criança estabelece um íntimo contato com o outro, o que lhe possibilita o acesso à cultura à qual está inserida. Nos primeiros meses de vida, o bebê expressa seu bem-estar ou descontentamento por meio de vocalizações, gestos e choro, que são percebidos e interpretados conforme as próprias experiências do outro.

A qualidade desses vínculos e interações, segundo Borges e Souza (2002), poderá mostrar um ambiente acolhedor e seguro ou, ao contrário, um ambiente hostil e ameaçador, considerando que:

Poderá descortinar um mundo desconfortável, hostil e promotor de inseguranças, que o fará internalizar um ambiente ameaçador, gerador de instabilidades ou

desamparo. Portanto, aqui, a falta de confiança no mundo, nas pessoas e nele mesmo predominará, desencadeando a desorganização em seu desenvolvimento como o surgimento de doenças ou comportamento agitado, ansioso, deprimido ou alheio. (Borges e Souza, 2002, p. 90).

Por volta dos seis aos oito meses de idade até próximo dos três anos, ele passa a se interessar por uma variedade de objetos, especialmente brinquedos, os quais observa, manuseia, morde, aperta, troca um por outro. Nesse processo, interage com outras crianças ao seu redor, acumulando experiências e ampliando sua percepção, comunicação, desenvolvimento motor, atenção e memória (Mello, 2007; Arce, 2018). Por isso, a dependência do adulto não se restringe à satisfação das necessidades básicas como alimentação, banho ou um ambiente acolhedor, mas também decorre da necessidade social de interagir com o outro (Mello, 2007).

Quanto mais experiências a criança vivencia por meio das brincadeiras, maior será seu repertório de aprendizagens. Ao brincar, ela internaliza os conhecimentos de sua cultura (Mukina, 1996), “utilizando-se de objetos da cultura material e não-material, e percebe as relações sociais, aprendendo a conhecer, nesse processo, a si mesma e os outros, aqueles com os quais convive” (Mello, 2007, p. 46).

Ao entrar em contato com o mundo ao seu redor, a criança aprende e se desenvolve por meio da comunicação emocional com pessoas mais experientes. Essa interação ocorre por meio do olhar, dos gestos corporais e da percepção das emoções do adulto, transmitidas pelo toque, pela entonação da fala e por diversas expressões não verbais (Mukina, 1996).

Essas aquisições humanas “não se fixam sob a forma de herança biológica ou genética, mas sob a forma de objetos externos da cultura material e intelectual” (Mello, 2007, p. 87). Para que as novas gerações possam incorporar as qualidades humanas presentes nos objetos culturais, é necessário que elas se familiarizem com esses elementos da cultura. Isso significa aprender a utilizá-los conforme a função social que motivou sua criação (Saviani, 2011).

Assim, a apropriação dos objetos da cultura ocorre a partir da mediação de pessoas mais experientes, o que se dá, fundamentalmente, por meio da educação. Por isso, é equivocado acreditar que a educação da criança pequena pode ser planejada quando esta estiver maior. Dessa forma, restringe-se essa fase apenas ao cuidado, desconsiderando que a criança desenvolve potencialidades e se constrói desde o nascimento, por meio das aprendizagens (Mello, 2007).

O pleno desenvolvimento infantil não ocorre por meio de um ensino rígido, restritivo e que priva as crianças de vivenciarem sua infância. Pelo contrário, ele se concretiza quando há espaço para cultivar, desde os primeiros anos de vida, qualidades fundamentais que servirão de alicerce para a construção do mais precioso atributo humano: a personalidade (Leontiev, 1988; Vygotsky, 1998; Mello, 2007). Promover o pleno desenvolvimento infantil requer a valorização das múltiplas linguagens por meio das quais as crianças se expressam: seus gestos, emoções e aprendizagens, inseridas em uma esfera lúdica de magia, encantamento, acolhimento e pertencimento em relação aos pares.

Arce (2018, p. 100) acredita que ensinar crianças pequenas é encantá-las com o mundo, ou seja, “encantar com o conhecimento, aprendendo a relacionar-se com o outro são os caminhos para a criança constitui-se no indivíduo único que será”. Neste sentido, a aprendizagem passa a ser compreendida como uma atividade social, mediada pelo processo de interação entre a criança e a família, e entre a criança e a escola.

Na escola, a aprendizagem deve ser marcada pelo ato intencional, planejado por parte dos profissionais que também cuidam dessa criança e a educam. É na interação que a criança trava com todos os adultos que participam de sua vida que ela aprende, conhece o mundo; a personalidade dela, suas vontades e interesses são forjadas. (Arce, 2018, p. 107).

Reconhecer o lugar de pertencimento das crianças no cotidiano do trabalho educativo, segundo a autora, é “enxergar o movimento dialético travado entre a criança e o mundo que a cerca” (Arce, 2018, p. 107). Por outro lado, a autora chama a atenção para duas questões importantes. A primeira é a necessidade de inserção em outras instituições para além da escola, o que contribuirá para o acesso a diversas estruturas culturais (Saviani, 2011). A segunda, mais preocupante, diz respeito às escolhas das famílias quanto ao que será ofertado às crianças pequenas (Arce, 2018; Brasil, 2016; Brasil, 2024).

Na sociedade de consumo em que vivemos, especialmente com a influência da “mídia, das redes sociais, da internet, e do marketing voltado para a venda de produtos para as crianças, imersos em toda a mitologia em que estão mergulhadas”, o desenvolvimento infantil pode estar em risco (Arce, 2018, p.108). Isso porque as tecnologias estão presentes cada vez mais cedo na vida das crianças.

A babá eletrônica e outros tipos de equipamentos de monitorização nos quartos, o uso de celulares ou “mesmo produtos que são comercializados como artigos de puericultura ou do mobiliário infantil, com telas e outras tecnologias de visualização e sons ou jogos e vídeos com desenhos animados e coloridos bastante atrativos” (Brasil, 2019, p. 04), fazem parte da rotina das famílias de um modo geral. Por outro lado, o vínculo afetivo entre adultos e crianças desempenha um papel fundamental no desenvolvimento saudável durante a infância, indo além do uso de telas.

Parte-se do princípio de que os bebês têm plena capacidade de interagir e aprender, desde que estejam inseridos em um ambiente acolhedor, afetuoso e rico em estímulos seja no contexto familiar ou escolar. Valorizar momentos de convivência com a família e os amigos, vivenciando experiências prazerosas sem a mediação da tecnologia, mas marcadas pelo afeto e pela alegria, é algo indispensável (Brasil, 2019). Sob essa ótica, os laços afetivos estabelecidos entre crianças e adultos tornam-se ainda mais relevantes, sobretudo em uma sociedade cada vez mais marcada pela presença de dispositivos digitais.

3 Os bebês e as telas: os desafios de educar na era digital

Desde cedo, as crianças utilizam dispositivos eletrônicos com a autorização dos pais, que frequentemente recorrem a esses recursos como forma de mantê-las ocupadas ou mesmo quietas. Esse hábito favorece um tipo de distração passiva, impulsionada pela influência do consumismo presente nos diferentes artefatos tecnológicos, promovidos pela publicidade das indústrias do entretenimento (Inácio, 2019; Brasil, 2024).

A ausência de reflexão crítica e a permissividade em relação ao uso das mídias digitais na infância, fragilizam o papel da família (Miller e Fantin, 2022; Silverstone, 2005; Fantin, 2020), pois a educação dos bebês ocorre a partir das interações estabelecidas com seus cuidadores, que mediam sua relação com o mundo. Essas interações não podem ser substituídas pelas tecnologias, considerando que, quanto mais nova, menor a capacidade do cérebro para discernir a ficção da realidade (Brasil, 2019; Brasil, 2024).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (Brasil, 2019) orienta que o tempo de uso diário seja limitado e proporcional às idades e às etapas do desenvolvimento infantil, ou seja, crianças com menos de dois anos não devem ser expostas às mídias digitais. As interações sociais com adultos e outras crianças promovem de forma mais eficaz o desenvolvimento da linguagem, da cognição, das habilidades motoras e emocionais, além de favorecer a aprendizagem, em comparação ao uso precoce de tecnologias. Para as crianças maiores, é recomendado:

Crianças com idades entre 2 e 5 anos, limitar o tempo de telas ao máximo de 1 hora/dia, sempre com supervisão de pais/cuidadores/ responsáveis. Crianças com idades entre 6 e 10 anos, limitar o tempo de telas ao máximo de 1-2 horas/dia, sempre com supervisão de pais/responsáveis. (Brasil, 2019, p.07).

Diferentemente das gerações passadas, a infância de hoje revela diferentes modos de socialização e modos de ser das crianças, por isso, não se pode desconsiderar que a variedade de artefatos digitais atua de certa forma na aprendizagem e no seu desenvolvimento (Couto, 2013; Othon e Coelho, 2020; Miller e Fantin, 2022). As práticas culturais, mediadas por pessoas mais experientes, assumem papel de relevância na tríade mídia-mediação-educação, pois:

Se por um lado a presença de uma mediação adulta sensível e qualificada pode contribuir para enriquecer as práticas culturais, lúdicas e participativas das crianças a partir das potencialidades que as tecnologias digitais oferecem, por outro lado, a ausência dessa mediação pode ter sérias implicações e comprometer os direitos de proteção e provisão das crianças, por exemplo. (Miller e Fantin, 2022, p.07).

É importante considerar tanto as necessidades quanto as peculiaridades das crianças nesse processo, especialmente na observação dos impactos das tecnologias em seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo (Inácio *et al*, (2019; Nobre *et al*, 2021). Entre os elementos que mais contribuem para o progresso infantil, destaca-se a qualidade da relação entre mãe e bebê, por sua relevância e impacto duradouro no desenvolvimento infantil e ao longo da vida (Brasil, 2016; Brasil, 2019; Brasil, 2024).

Ao estudar a prevalência do uso de mídias interativas por crianças de dois a quatro anos de idade e a permissão dos pais na utilização desses dispositivos, Guedes *et al* (2019) identificaram que 67,2% faziam uso com tempo médio de 69,2 minutos por dia. As atividades mais realizadas foram: vídeos (55%), músicas (33%) e joguinhos de games (28%), sendo o smartphone a mídia mais utilizada pelas crianças, seguido do tablet. A maioria dos pesquisados relatou “permitir a utilização da mídia para estimular o desenvolvimento do seu filho (58,4%), acompanhá-lo durante o uso (75,2%) e limitar o tempo com a mídia (86,4%)” (Guedes *et al*, 2019, p.02).

Uma pesquisa realizada com pais e filhos norte-americanos mostrou que, entre crianças de 0 a 2 anos, 42% utilizam tablets e 37% fazem uso de smartphones, porcentagens menores do que as observadas entre aquelas com idades entre 3 e 5 anos, cujos índices foram de 56% e 46% (Guedes *et al*, 2019). De forma semelhante ao que ocorre em outros países, as crianças brasileiras investigadas “possuem uma similaridade em relação ao uso das mídias, mostrando ser esse um fenômeno mundial, assim como a televisão, é pouco afetado por barreiras geográficas” (Guedes *et al*, 2019, p.04).

O fácil acesso aos dispositivos digitais, aliado à facilidade de transporte e utilização desses aparelhos, tem favorecido a disseminação do uso dessa tecnologia em todas as faixas etárias, impactando, inclusive, na qualidade das interações entre mães e bebês. Em estudo de revisão de literatura, Almeida e Frizzo (2021) identificaram que o seu uso precoce influencia de maneira negativa o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, comprometendo vínculos afetivos e a atenção materna.

Estudos internacionais apontam similaridade no que tange à interferência negativa nessas relações. Enquanto, nos países sul-americanos, as pesquisas se mostram ainda incipientes, verificou-se no contexto brasileiro “que 63,3% de crianças entre 24 e 42 meses tinham acesso às mídias digitais e excediam o limite de tempo estabelecido por órgãos oficiais”, desconsiderando a orientação do uso de até uma hora por dia para essa faixa etária (Almeida e Frizzo, 2021, p. 07).

As manifestações afetivas das mães em relação aos bebês, segundo pesquisas canadenses, indicaram que foram inferiores no que tange às “dimensões de responsividade e práticas educativas e marginalmente menos encorajadores com seus filhos enquanto brincavam com brinquedos eletrônicos” (Almeida e Frizzo, 2021, p. 04). Já na Coreia do Sul, as mães apresentaram maiores comportamentos interativos com os filhos diante do brinquedo digital, por considerarem o seu efeito facilitador em relação aos brinquedos de pelúcia, segundo as autoras.

Os estudos norte-americanos identificaram que o uso de dispositivos eletrônicos facilita as interrupções nas interações entre adultos e crianças de forma deliberada, pois identificou-se que o seu uso excessivo, especialmente pelas mães, indicou “sintomas de comportamentos externalizantes e internalizantes dos filhos aos três anos de idade”. (Almeida e Frizzo, 2021, p. 05). A presença dos pais compartilhando com “as crianças a experiência de leitura para interpretar dialogar e discutir propicia uma melhor interpretação e estimula o desenvolvimento da linguagem” (Nobre *et al*, 2021, p. 1134), além de prevenir a interação individual com os dispositivos eletrônicos.

Por meio de observações em laboratório com crianças norte-americanas, entre doze e trinta e seis meses de idade, constatou-se que a televisão, por exemplo, afetava, de modo quantitativo e qualitativo, as relações entre pais e filhos (Almeida e Frizzo, 2021). Mesmo colocada ao fundo, as interações verbais e o envolvimento parental foram prejudicados devido à redução das interações entre adultos e crianças.

Uma pesquisa realizada na Espanha apontou que o acesso aos livros digitais permite que crianças pequenas interajam de maneira complexa com esse dispositivo, independentemente da participação dos pais, evidenciando sua autonomia e capacidade de assumir diferentes papéis no desenvolvimento da narrativa (Almeida e Frizzo, 2021). As crianças se sentem atraídas desde muito pequenas pelas tecnologias, por isso, a importância de refletir sobre “o rápido crescimento das práticas regulares dos dispositivos interativos nos primeiros anos de vida, até que se conheçam seus impactos futuros na saúde e no desenvolvimento infantil” (Guedes, 2019, p. 06).

Se, por um lado, famílias introduzem os filhos desde cedo no universo tecnológico, os estudos de Pedrotti e Frizzo (2024) demonstram que uma parcela significativa das mães segue na direção oposta ao uso precoce das mídias digitais, optando por manter seus bebês afastados dessas tecnologias.

Com o objetivo de investigar as motivações que levam essas mães a buscarem outras formas de interação e entretenimento para seus filhos, as autoras identificaram dois temas principais. O primeiro relaciona-se às crenças maternas: a valorização do conhecimento científico, as vantagens percebidas ao não utilizar as mídias digitais e as desvantagens associadas ao seu uso. O segundo tema refere-se às diferentes formas de acesso às informações, ou seja, enquanto algumas mães buscaram por orientações, outras as receberam de forma passiva, e um terceiro grupo não teve acesso a nenhuma informação (Pedrotti e Frizzo, 2024).

De modo geral, elas reconhecem que a utilização de artefatos tecnológicos não é uma necessidade das crianças, mas sim dos pais. Embora não tenham obtido orientações profissionais, a busca por conhecimento científico, especialmente atrelado aos riscos e benefícios das mídias digitais para o desenvolvimento dos bebês, também aparece nos discursos como um fator importante para a escolha de não oferecer telas aos seus filhos.

As mães entrevistadas se posicionaram contra oferecer mídias digitais aos bebês para distraí-los, na tentativa de que pudessem realizar outras atividades. Estas pareceram priorizar as necessidades de seus bebês em um primeiro momento, deixando para cumprir outras tarefas quando possível. Um fator que pode estar associado a essa escolha é o tipo de trabalho desenvolvido pelas mães. (Pedrotti e Frizzo, 2024, p.09).

A observação de outras crianças utilizando tecnologias contribuiu para que as mães consolidassem a percepção dos impactos negativos desse uso no desenvolvimento infantil. Isso influenciou a decisão de não introduzir mídias digitais na rotina de seus próprios bebês (Pedrotti e Frizzo, 2024). Assim, no entendimento das mães, outros recursos como as brincadeiras e o convívio familiar e social são mais benéficos nessa fase do desenvolvimento.

Nessa perspectiva, é importante que as famílias priorizem brincadeiras e interações ao ar livre, especialmente em contato com a natureza, em vez do uso excessivo de tecnologias. A proposta é trocar o consumo passivo de brinquedos eletrônicos e outros dispositivos digitais por experiências interativas e socialmente estimulantes, mais benéficas para o desenvolvimento cognitivo, emocional e cerebral das crianças (Brasil, 2019; Brasil, 2024).

A mediação da família e da escola infantil torna-se fundamental para a promoção do desenvolvimento das múltiplas linguagens na infância, para além das telas. O seu uso equilibrado permite o enriquecimento das práticas culturais das crianças, explorando as potencialidades oferecidas pelas mídias interativas.

4 Considerações finais

Com a crescente presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na vida das crianças, torna-se fundamental refletir sobre os efeitos do uso precoce no desenvolvimento infantil. Isso porque o hábito de recorrer a dispositivos eletrônicos como forma de distração e entretenimento, especialmente no âmbito familiar, aponta para a diminuição ou mesmo substituição das interações humanas pelas mídias digitais.

Estudos indicam que a ausência de mediação qualificada por parte dos adultos fragiliza a relação com a criança, afetando a construção da linguagem, da cognição e das habilidades físico, motoras e emocionais. Embora as tecnologias possam ser aliadas na aprendizagem, seu uso deve ser regulado conforme a idade. Além disso, deve ser acompanhado pelos pais, já que a qualidade das interações familiares, especialmente nos primeiros anos, continua sendo um dos fatores mais determinantes para o desenvolvimento saudável na infância.

A promoção de experiências concretas que tenham significado para a criança, como brincadeiras ao ar livre e a convivência social, é indispensável e necessária diante da era das conexões. Desta maneira, tanto a família quanto a escola têm o papel de atuar como mediadoras nesse processo, promovendo um equilíbrio entre o uso das telas e atividades que respeitem o ritmo e as peculiaridades da infância. O grande desafio está em manter esse equilíbrio, reconhecendo o valor do brincar, dos vínculos afetivos e do contato direto com o mundo como essenciais para o pleno desenvolvimento da criança.

Referências

ALMEIDA, Maíra Lopes. Frizzo, Giana Bitencourt. Mídias digitais e qualidade da interação mãe-bebê: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**. Canoas, v. 9, n. 3, p. 01-10, out/dez. 2021. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/7513. Acesso em: 7 jul. 2025.

ARCE, Alessandra Hai. **Educação Infantil:** Alimentação, Neurociência e Tecnologia. 1º ed. Editora Alínea, 2018. 136 p.

BRASIL. Saúde de Crianças e Adolescentes na era digital. **Manual de Orientação.** Departamento de Adolescência. Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, 2016, s/v. nº 1, p. 1-13.

BRASIL. Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas. **Manual de Orientação.** Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e de Saúde escolar. Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, 2019, s/v. nº 6, p.1-5.

BRASIL. Menos telas, mais saúde. **Manual de Orientação.** Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e de Saúde escolar. Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, 2024, s/v, nº 163, p. 01-15.

BORGES, Maria Fátima Silva Tavares. SOUZA, Rosângela Cristina. **A práxis na formação de educadores de Educação Infantil.** Ed. DP&A, Rio de Janeiro. 128 p.

COUTO. Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. **Perspectiva.** Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 897-916, set./dez. 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n3p897>. Acesso: 06 de abril de 2025.

FANTIN, Mônica. O lugar da formação e mediação nas literacias e competências midiáticas de crianças e jovens estudantes. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** n. 13, v. 32, p. 01-17. jan./dez.2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14226>. Acesso em: 22 jan. 2026.

GUEDES, Sabrina da Conceição (*et al.*). A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância: um estudo epidemiológico. **Revista Paulista de Pediatria.** São Paulo. v. 38, s/n. p. 01-07. set/dez, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rpp/a/kXbZdJr9Frx6JfdxwbPgYNt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2025.

INÁCIO, Cláudia de Oliveira et al. Criança, infância e tecnologias: desafios e relações aprendentes. **Revista Texturas.** Porto Alegre. v. 21. n.46, p.37-58. abr/jun. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra>. Acesso em: 05 jul. 2025.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In VIGOTSKI, Lev Semionovitch. LURIA, Aleksandre Romanovich. LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 11ª edição. São Paulo: Ícone Editora, 2010. p.59-83.

MELLO, Suely A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. Ver. **Perspectiva.** Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1630>. Acesso em: 06 de jun. 2025.

MULLER, Juliana Costa. FANTIN, Monica. Mediações familiares e escolares entre crianças e tecnologias digitais. **Pro-Posições,** Campinas, SP. v. 33, n. 4, p.01-26. dez. 2022. Disponível em:
<https://www.fe.unicamp.br/a-fe/publicacoes/periodicos/pro-posicoes>. Acesso: 12 de mai, 2023.

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar:** Um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos. Trad. Claudia Berkner. São Paulo: Martins, 1996. 324 p.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro. n. 26, v. 3, p. 1127-1136, jun/ago. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/GmStpKgyqGTtLwgCdQx8NMR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2025.

OTHON. Renata Alves de Albuquerque. COELHO. Maria das Graças Pinto. Retratos da Geração Digital: um estudo exploratório sobre o consumo midiático e a sociabilidade em Rede na Infância. **C&S**. São Bernardo do Campo, v. 42, n. 3, p. 139-166, set.-dez. 2020.

PEDROTTI. Bruna Gabriella. FRIZZO, Giana Bitencourt. Motivações maternas para não oferecer tecnologias aos seus bebês. **Revista Subjetividades**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2024, p. 1-14. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/13738>. Acesso em: 03 de ago. 2025.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11 ed. Campinas-SP, Autores Associados, 2011. 160 p

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2005. 302 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 1º ed. Trad. José Cipolla Neto. Luís Silveira Menna Barreto. Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191 p.

Contribuições dos Autores (CRediT):

Jaqueline Delgado Paschoal: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

Sandra Regina Mantovani Leite: Conceituação; Curadoria de Dados; Investigação; Metodologia; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

Conflitos de Interesses:

Conforme a política editorial da revista, as autoras declaram não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

Financiamento:

Esta pesquisa não recebeu financiamento.

Aprovação ÉTICA:

Não se aplica.

Agradecimentos:

Não se aplica.

Como citar este artigo (ABNT):

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; LEITE, Sandra Regina Mantovani. O dilema das mídias digitais na educação dos bebês. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162608, p. 1-12, jan/dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11086>. Acesso em: [inserir data de acesso].

Editor Responsável:

Deivid Alex dos Santos.